

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Mato Grosso
Cáceres - Mato Grosso - Brasil

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 41, (Jan/Dez) de 2025
ISSN: 2178-7476



PENSAR A INFÂNCIA A PARTIR DE NARRATIVAS FICCIONAIS: O QUE NOS DIZEM?¹

THINKING ABOUT CHILDHOOD THROUGH FICTIONAL NARRATIVES: WHAT DO THEY TELL US?

PENSAR LA INFANCIA A PARTIR DE NARRATIVAS FICCIONALES: ¿QUÉ NOS DICEN?

Williams Nunes da Cunha Junior

Doutor em Educação. Professor. Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEDUC/AL) Maceió, Alagoas, Brasil.

E-mail: nuneswillcmf@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6528-8880>

RESUMO: A infância pode ser dita de diferentes maneiras. Podemos dizê-la a partir de uma cronologia, de uma história, mas também podemos dizê-la a partir da arte, a partir de narrativas que nos dão imagens de infâncias. A narrativa aqui ganha um sentido alargado, encontrado em Squire (2014), não se limitando a determinada mídia ou “matriz semiótica”, portanto, incluso aí o filme como narrativa. A escolha do filme, no lugar da obra literária, se deu pelo acesso comum a este modo de mídia pelo qual nós conhecemos a narrativa. O nosso trabalho tem como objeto investigar as infâncias presentes em três narrativas distintas: *Kirikou e a feiticeira*, *O Pequeno Príncipe* e *Alice no país das maravilhas*, sendo a primeira uma narrativa, ainda que em um suporte diferente. O que essas infâncias podem nos dizer? O que elas nos permitem pensar sobre este momento inaugural do ser humano em sua jornada existencial? Por meio de uma pesquisa bibliográfica e da análise das narrativas selecionadas, as quais foram escolhidas por suas afinidades em termos de imagens da infância, buscamos descobrir o que essas infâncias literárias podem nos dizer, em diálogo com especialistas e estudiosos do campo da infância. Utilizamos em nossas análises uma perspectiva afirmativa de infância em consonância com o pensamento de teóricos como Kohan (2011), Friedmann (2020). Nas três narrativas podemos encontrar três características principais possíveis de se afirmar sobre as infâncias: a curiosidade, o questionamento e a provocação, características que podem ser potencializadas por meio do processo educacional.

PALAVRAS-CHAVE: infância; literatura; narrativas.

ABSTRACT: Childhood can be expressed in different ways. We can speak of it through chronology, through history, but we can also speak of it through art, through narratives that offer us images of childhoods. Here, the notion of narrative is broadened, as found in Squire (2014), not limited to a specific medium or “semiotic matrix,” and thus including film as a form of narrative. The choice of film, instead of a literary work, was made due to the common accessibility of this medium through which we experience narratives. Our work aims to investigate the representations of childhood in three distinct narratives: *Kirikou and the Sorceress*, *The Little Prince*, and *Alice in Wonderland*—with the first being a narrative, albeit in a different medium. What can these

¹ Este artigo é um recorte de nossa tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), requisito parcial para a obtenção do título de doutor. A versão completa da tese pode ser encontrada no Repositório Institucional da UFAL (RIUFAL).

portrayals of childhood tell us? What do they allow us to think about this initial stage of human existence? Through bibliographic research and analysis of the selected narratives—chosen for their shared imagery of childhood—we seek to uncover what these fictional childhoods can reveal, in dialogue with experts and scholars in the field of childhood studies. In our analyses, we adopt an affirmative perspective on childhood, aligned with theorists such as Kohan (2011) and Friedmann (2020). Across the three narratives, we identify three main characteristics that can be affirmed about childhood: curiosity, questioning, and provocation—traits that can be enhanced through the educational process.

KEYWORDS: childhood; literature; narratives.

RESUMEN: La infancia puede expresarse de diferentes maneras. Podemos hablar de ella a partir de una cronología, de una historia, pero también podemos hablarla desde el arte, a partir de narrativas que nos ofrecen imágenes de infancias. Aquí, el concepto de narrativa se amplía, tal como lo plantea Squire (2014), sin limitarse a un medio o “matriz semiótica” específico, incluyendo así el cine como forma narrativa. La elección del cine, en lugar de una obra literaria, se debe al acceso común a este tipo de medio por el cual conocemos las narrativas. Nuestro trabajo tiene como objetivo investigar las infancias presentes en tres narrativas distintas: *Kirikú y la Bruja*, *El Principito* y *Alicia en el País de las Maravillas*, siendo la primera una narrativa, aunque en un soporte diferente. ¿Qué pueden decirnos estas infancias? ¿Qué nos permiten pensar sobre este momento inaugural del ser humano en su recorrido existencial? A través de una investigación bibliográfica y del análisis de las narrativas seleccionadas—elegidas por sus afinidades en términos de imágenes de la infancia—buscamos descubrir lo que estas infancias ficcionales pueden decirnos, en diálogo con especialistas y estudiosos del campo de la infancia. En nuestros análisis, adoptamos una perspectiva afirmativa de la infancia, en consonancia con el pensamiento de teóricos como Kohan (2011) y Friedmann (2020). En las tres narrativas encontramos tres características principales que pueden afirmarse sobre la infancia: la curiosidad, el cuestionamiento y la provocación—características que pueden potenciarse a través del proceso educativo.

PALABRAS CLAVE: infância; literatura; narraciones.

INTRODUÇÃO

A infância é o ponto de chegada e de partida. É na infância que entramos no mundo, chegamos. É a partir dela que seguimos. É início. É começo. Começamos, então, pela infância. O que ela tem a nos dizer? O que temos a dizer sobre ela? Ou será que podemos dizer também com ela? Demos a ela voz, se durante tanto tempo foi silenciada. E, se agora, sobre ela tanto se diz, silenciemos para ouvir o que ela tem a nos dizer.

A nossa escrita não poderia começar de outro modo. Se nos propomos a entrar em contato com essa vivência, dediquemo-nos, pois, a refletir sobre ela, a investigar quais as vozes e quais os discursos que sobre ela ressoam. Façamos uma construção, ao menos teórica, da infância. Ou, então, uma reconstrução. Ou, ainda, uma desconstrução do que supomos já saber.

O que poderia ser mais próprio da infância que a sua capacidade de recriação constante? Construção, desconstrução, reconstrução: a infância é esse movimento, é reino de possibilidades. Nela, o impossível se torna um mero detalhe. A invenção de novos mundos, de novos modos de ser e existir, estão presentes no atuar do infante. A vida se torna obra de arte, reveste-se de plasticidade. Eis aí a potencialidade estética desse momento singular e, ao mesmo tempo comum, de cada ser.

A infância nos provoca a pensar. Há o que pensar sobre a infância. Há uma potência de pensamento nela. Coloquemo-nos no caminho do pensamento, pois. E queremos pensar essa infância

a partir da literatura, das imagens de infância que algumas narrativas literárias podem nos fazer ver.

No primeiro tópico de nosso trabalho, trazemos a narrativa de *Kiriku e a feiticeira* e encontramos nessa infância características de infâncias outras, como a curiosidade, o questionamento constante, a provocação desconcertante e inquietante que elas são capazes de causar. O segundo tópico traz a imagem de infância em *O Pequeno Príncipe*, desde a infância da criança-aviador e como ela se relaciona com o mundo adulto, até a infância do príncipe que se encontra com o aviator-adulto, o que nos permite encontrar semelhanças com a primeira imagem de infância, em traços como a curiosidade, o questionamento, a desestabilização do já dado. No tópico seguinte, olhamos para a infância que nos traz *Alice no País das Maravilhas*, percebendo também aí características comuns com as outras duas infâncias.

As narrativas aqui abordadas são de contextos e tempos diferentes, porém, trazem nas imagens das infâncias características comuns às três narrativas: a curiosidade, o questionamento e a provocação. Muito tem a nos dizer e muito nos dizem essas narrativas sobre as infâncias, como veremos adiante. Cabe ainda dizer que o nosso entendimento de narrativa tem referência em Squire (2014) quando a compreende de maneira ampla, podendo operar em várias mídias, independentemente do sistema de símbolos, da mídia ou da “matriz semiótica” em que ocorre. Ainda, cumpre dizer que em nosso trabalho adotamos uma perspectiva teórica sobre a infância que a vê de maneira afirmativa, com base em autores como Kohan (2011) e Friedmann (2020).

KIRIKU E A FEITICEIRA

A lenda de Kiriku tem sua origem espacial e temporal incerta, embora seja vista como uma lenda africana, dados os elementos que a compõem. Mesmo assim, a autoria permanece incerta. O que sabemos é que a história da criança guerreira se popularizou com o lançamento do filme franco-belga, lançado em 1998, pelo diretor Michel Ocelot. Ele teria conhecido a história no período em que morou na Guiné.

Em síntese, a lenda conta a história de um bebê chamado Kiriku, uma criança que nasce falando e possui bastante autonomia. É essa criança que irá salvar a sua aldeia da malvada Karabá, a feiticeira. O enredo mostra diversas aventuras nas quais o menino se envolve até o desfecho final, que é quando ele consegue derrotar a feiticeira e salvar o seu povo.

O filme começa mostrando o nascimento de Kiriku, que fala desde a barriga, nasce sozinho e escolhe o próprio nome. Toda essa autonomia demonstrada pela criança contrasta com a ideia rousseauiana do enfaixamento² que encontramos no texto de Kerlan (2014). Não é possível empacotar essa criança, dar-lhe novos laços, não é possível envolver-la, como veremos mais adiante.

2 A ideia do enfaixamento ou empacotamento tem seu fundamento na obra do pensador Jean-Jacques Rousseau, em sua obra *Emílio, ou da Educação* (1762), e pode ser entendida como um constrangimento inicial a que a criança é sujeitada logo ao nascer. A criança sai de sua mãe, goza de liberdade para se mover, para esticar seus membros e tão logo é “empacotada”, de forma que seus movimentos e sua liberdade para se mover ficam limitados. Tal sentido pode ser encontrado ainda na máxima de outra obra de Rousseau: “O homem nasce livre e em toda parte é aprisionado”. O que não ocorre com Kiriku que nasce e já anda por toda a parte.

Talvez, tenhamos nele o ideal rousseauiano do homem que nasce livre e não é aprisionado.

A infância representada na lenda é uma infância que questiona, está sempre a realizar indagações de forma constante, precisa de uma razão para tudo, quer saber e quer descobrir o mundo em que habita. Isso faz surgir um conflito entre a criança e o adulto, expresso na frase do ancião da aldeia: “você me cansa”. O ancião é tido como sábio, mas se cansa com as questões do menino, talvez porque a infância diante dele revele a sua própria ignorância.

A infância que revela a ignorância alheia nos traz a imagem de um conhecido filósofo grego: Sócrates. O reconhecimento da própria ignorância seria um dos pontos da filosofia socrática, o que o fazia detestado e pode ser o que o levou à condenação de morte. Assim como Sócrates incomoda com seus questionamentos, a criança incomoda o mundo adulto com suas tantas questões. A infância nos desestabiliza, tira-nos do nosso lugar comum, leva-nos a reconhecer nossa própria ignorância, retira-nos do pedestal da superioridade adultocêntrica.

O conflito também tem sua razão no fato da criança “ser pequena”, algo menor, uma espécie de outro desprezado (Kohan, 2011). O próprio adjetivo pequeno denota algo sem importância. Isso fica muito evidente na canção que ecoa por vários momentos do enredo: “Kiriku é pequeno, mas é valente e tem seu valor”. O adjetivo pequeno é contrastado com uma conjunção adversativa, como se quisesse demonstrar que apesar de ser pequeno, mesmo aparentemente sem importância, ele tem seu valor.

As crianças são, desde os tempos da Antiguidade, vistas como

a figura do não desejado, daqueles que não aceitam a “minha” verdade, do rival desqualificado, de quem não compartilha uma forma de entender a filosofia, a política, a educação e por isso deve ser vencido, azotado, expulso da pólis (Kohan, 2011, p. 55).

Talvez por isso o ancião, no alto de sua sabedoria, não veja naquela criança uma razão para se explicar, talvez mais que sua ignorância, revela o seu desprezo por um “rival desqualificado”, por alguém que não merece explicação sobre coisa alguma, alguém que cansa por suas indagações sem valor porque ele, a criança, é também sem valor. De qualquer forma, as perguntas da criança incomodam, pois a pergunta infantil é “uma pergunta que parece absurda, sem sentido, sem lugar. Ela se faz de dentro, da interioridade da interrogação que a pergunta coloca e da interioridade da subjetividade que pergunta” (Kohan, 2011, p. 185). É difícil não se incomodar com o questionamento infantil.

O conflito também se dá com as crianças maiores. Quando dizem: “Ele é muito pequeno para ajudar”, “não brincamos com os pequenos”, fica evidente a visão negativa que possuem sobre a criança menor, um conflito muitas vezes comum entre crianças menores e crianças maiores também na existência nossa de cada dia, conflito que se expressa nas brincadeiras, nos momentos compartilhados na escola com a rejeição das crianças maiores para com as crianças menores.

No episódio que envolve Kiriku e as crianças maiores, ele é o responsável por salvá-las da

feiticeira Karabá, que tinha como plano sequestrá-las e por duas vezes, em duas estratégias diferentes (a árvore e a canoa), tem seus planos frustrados pela ação de Kiriku. Antes, porém, o menino é totalmente ignorado quando tenta alertar os demais. A infância no mais originário sentido, sua voz, sua palavra são totalmente desprezadas, como se o que ele diz não tivesse valor, pois ele é pequeno, não sabe o que diz.

A postura do silenciamento da criança, em suas diversas manifestações e expressões é uma realidade. Conforme Friedmann (2020, p. 38), as crianças “terem voz, se expressarem e serem escutadas é um direito ainda a ser conquistado e assimilado por diversos atores sociais”. E, se estamos dispostos a escutá-las, “precisamos abrir esses espaços de escuta e autoconhecimento dentro de cada um de nós” (Friedmann, 2020, p. 29). Estamos ouvindo com atenção o que nossas crianças têm a dizer? Estamos, em nossos espaços de educação, promovendo e incentivando espaços de escuta autêntica dos nossos pequenos?

A infância representada em Kiriku é uma infância-movimento³. Isso fica muito evidente durante o desenvolvimento do filme que conta a lenda, pois a todo momento a criança está se movimentando, sempre ágil, de um lugar a outro. Além disso, conforme se desenvolve, a criança vai de um não-saber sobre o mundo, sobre a comunidade de origem, sobre a história de seu povo, para um progressivo conhecer. E é esse conhecimento que lhe permitirá agir para salvar seu povo.

O menino não se contenta em saber sobre a feiticeira Karabá, sobre o que ela teria feito com os homens de sua aldeia, mas se coloca a caminho para conhecer a feiticeira. Há uma “ousadia da infância” presente em Kiriku, que se coloca com sinceridade diante daquela que seu povo teme e com essa sinceridade a questiona sobre suas ações. É essa sinceridade que leva a opressora a reconhecer que o menino “sabe o que quer”.

As crianças sabem. Podem saber diferente do adulto, podem saber outros saberes, seus saberes, mas sabem. Nunca são uma “folha em branco”, uma “tábula rasa”. A criança sabe, ao seu modo, de uma maneira peculiar, como é singular a forma como muitas vezes se expressa, como manifesta esse saber e, por isso mesmo, muitas vezes ele é incompreensível para o adulto que não se infancIALIZOU⁴, não entrou naquele estado de infância que perpassa toda a vida.

A curiosidade de Kiriku, traço bem característico da infância, é outro ponto que queremos destacar. Ele tem uma curiosidade sobre o que o cerca. No episódio da fonte de água, ele interroga a sua mãe sobre a razão da escassez de água em uma das fontes que o povo de sua aldeia utiliza. Em

3 A infância-movimento é um conceito criado por nós e engloba a ideia de mobilidade que é muito característico da infância, ideia está colocada em nosso texto desde o seu início, quando entendemos a infância como ponto de chegada e de partida e como algo que nos atravessa em nossa jornada existencial, o que engloba a compreensão alargada de infância como algo não restrito a um momento cronológico. Há uma aproximação dessa nossa ideia com a explicitada por Noguera quando diz sobre uma infância em afroperspectiva, uma infância que se afirma como “capacidade de correr, percorrer caminhos e encontrar rotas diversas” (Noguera, 2019, p. 59).

4 A palavra infancIALIZAR tem como base o entendimento encontrado em Noguera (2019), quando diferencia infancIALIZAR e infantilizar. Nas palavras do autor: “A palavra ‘infancIALIZANTE’ deriva de outro neologismo, *infancIALIZAR*. Este por sua vez, uma interpretação advinda da infância como ndaw, o que difere da ideia de infância derivada de *infantia*, de onde vem o verbo: infantilizar” (Noguera, 2019, p. 59). InfancIALIZAR seria, portanto, entrar nesse estado de infância que não se delimita a um tempo específico, mas que atravessa a existência, mais ainda, em oposição a “adultidade”, como modo de opressão e dominação.

um diálogo com uma das habitantes da aldeia, o menino é chamado de mal-educado por respondê-la. A criança que responde é mal-educada, isto é, a criança que fala. Mais uma tentativa de silenciamento da infância. A criança educada, disciplinada, portanto, é a que silencia, que é submissa.

A educação como submissão, como disciplina, como docilização, na perspectiva foucaultiana, aparece aqui. Para garantir o silenciamento da criança é necessária autoridade (ou seria autoritarismo?), é o que afirma a habitante da aldeia em discussão com a mãe de Kiriku. É importante lembrar que é justamente a curiosidade da criança e a sua ousadia em querer saber mais, em questionar, que restituíram à aldeia a água que lhe faltava. A infância-movimento busca respostas, põe-se em ação, em movimentação e, ao destruir o monstro que sugava a água, traz de volta, para os moradores da aldeia, o líquido vital.

O dominador precisa da ignorância, da alienação das pessoas para se manter no poder. Kiriku não aceita a ignorância, mas sua curiosidade o move em busca de respostas sobre a situação do seu povo. Em todas as adversidades que enfrenta, é o conhecimento que o salva, salva o seu povo. Foi assim na situação com as crianças maiores, foi assim ao trazer a água de volta e será assim no desfecho final. A sua curiosidade o leva a empreender uma longa jornada em busca de saber mais.

Nesse sentido, afirmamos uma infância em que se permita, em que se dê a possibilidade e o direito, como afirma Friedmann (2020), de as crianças se formarem como sujeitos autônomos, críticos e de assumirem responsabilidades. É para essa perspectiva afirmativa que a imagem da infância em Kiriku converge. Em sua caminhada, o menino encontra seu avô, que teria algo a lhe ensinar. A ancestralidade, algo tão marcante especialmente para os povos africanos, tem algo a lhe dizer.

O encontro com sua ancestralidade lhe revela que pensar é um processo que exige tempo. Na perspectiva filosófica, afirmamos o pensar como algo provocado, algo instigado, não como algo que acontece naturalmente⁵. É esse entendimento que nos leva a apostar e acreditar na possibilidade de práticas filosóficas de provocação do pensamento desde a Educação Infantil. Se pensar é um processo que exige tempo, quanto mais cedo o começarmos, melhor. Assim, é necessário oportunizar às infâncias o direito de filosofar (pensar).

A familiaridade de Kiriku com seu avô o leva a expressar seu descontentamento com a forma como é tratado, por ser visto como pequeno, em um sentido menor, de algo (ou alguém) sem importância. Nesse momento, mais uma lição da sua ancestralidade: é preciso aceitar-se do jeito que se é. E é justamente por ser “pequeno” que o menino consegue realizar tantas coisas. Sua pequenez de tamanho não o impede de ser grande de alma.

Na sua conversa, a criança começa a entender o porquê de Karabá, a feiticeira, ser como é. O contato com sua ancestralidade lhe revela a história da opressora e o que a fez tornar-se o que ela é. Segundo seu avô, “quem muito sofre causa mal aos outros” e é por ter sofrido um grande mal que

5 Essa afirmação tem como base o texto de Benetti (2007) “Ensinar a pensar no contexto do ensino de Filosofia: um estudo com Gilles Deleuze”, no qual a autora, a partir da filosofia de Deleuze, propõe que “o pensamento não é algo natural, mas forçado; não é instituído pelo reconhecimento do objeto, mas pelo encontro com algo que o provoca” (Benetti, 2007, p. 137).

a feiticeira causou uma série de tormentos para o povo da aldeia, utilizando do medo das pessoas para oprimi-las, pois “o poder se fundamenta no medo”, complementa seu avô.

O menino Kiriku parece não ter medo de Karabá, talvez por isso ela não exerça domínio sobre ele. Por outro lado, ele causa incômodo para ela. “A inteligência sempre atenta e livre incomoda os opressores, os desarma”, afirma a ancestralidade de Kiriku, por isso o menino é perseguido por Karabá. Kiriku é a infância que desestabiliza, que inquieta, pois é livre, é ousado. E mesmo assim, no encontro com sua ancestralidade, permite-se reclinar no colo do avô, permite-se receber o afeto, ser afagado por essa ancestralidade que o encontra.

Em síntese, podemos dizer que a imagem de infância presente em Kiriku nos diz sobre uma infância afirmativa, uma infância-movimento, que se movimenta por indagações constantes, por uma grande curiosidade, por uma busca de respostas. Temos nele uma “ousadia da infância” que não teme se colocar com sinceridade diante do opressor. É uma infância atenta e livre e, por isso, incômoda.

No fim, Kiriku libertou Karabá e, conseqüentemente, libertou seu povo. Os homens de sua aldeia voltaram para suas casas e o próprio Kiriku se tornou homem. A infância possibilitou a vida seguir seu curso, não é possível ser criança para sempre. Porém, é possível alargar a infância e infanciarizar a vida – não infantilizar – viver num estado permanente de infância.

O PEQUENO PRÍNCIPE

A obra *O Pequeno Príncipe* foi escrita pelo aviador, escritor e aristocrata francês Antoine de Saint-Exupéry. O livro foi publicado em 1943, nos Estados Unidos, em inglês e francês, durante o exílio de Saint-Exupéry, em razão da Segunda Guerra Mundial. A obra é uma das mais traduzidas da literatura mundial, o que sugere o seu significativo valor literário.

O livro começa com uma cena interessante para a reflexão que nos propomos. O aviador, quando criança, faz desenhos que são incompreensíveis para os adultos. Seu primeiro desenho, uma jiboia que engoliu um elefante, é entendido pelos adultos como um chapéu. O fato narrado nos leva a refletir sobre as linguagens infantis e sua incompreensão por parte dos adultos.

Em Friedmann (2020, p. 112) encontramos que

Eles [os adultos] têm grande dificuldade de silenciar e escutar verdadeiramente, de acreditar e reconhecer que as crianças têm saberes diferentes e que é essencial conhecê-los, incorporá-los e adequar atividades e propostas socioeducativas a cada grupo e contexto.

Ou, nas palavras do aviador-criança, “elas [as pessoas adultas] têm sempre necessidade de explicações detalhadas” (Saint-Exupéry, 2009, p. 8), e, talvez por isso, tenham dificuldade de silenciar e escutar verdadeiramente. Elas não compreendem a gramática singular das crianças e por isso lhes custa entender que as crianças possuem saberes, ainda que estes sejam diferentes dos saberes com os quais estão acostumados.

É preciso reconhecer que

elas [as linguagens artísticas] fazem parte do cotidiano das crianças, e é por meio delas que conseguem ter “vez e voz”, desenvolver a criatividade e potenciais [...] as linguagens artísticas apoiam as crianças na ampliação de seu conhecimento sobre o mundo (Friedmann, 2020, p. 70).

Por essa razão, essas linguagens devem ser incentivadas, reconhecidas em suas potencialidades pedagógicas, nas dimensões éticas e estéticas. Todavia, não é o que acontece ao aviador-criança, da obra que estamos aqui tratando, pois os adultos riem de seus desenhos e o aconselham a desistir de desenhar. Nesse caso, há uma restrição da criatividade, da imaginação do aviador-criança.

A situação vivenciada pelo narrador-personagem nos conduz a pensar em como situações semelhantes ocorrem no ambiente escolar. Quantas crianças são desencorajadas ou até mesmo ridicularizadas por suas produções, o que acaba, como aconteceu com o aviador-criança, trazendo consequências para a sua vida adulta. Quantas atitudes como essas levam as crianças ao tolhimento de sua criatividade e imaginação.

O desenho, como nos afirma Derdyk (2014), é construção do pensamento. Segundo ele, “a simples ação de traçar sinais sobre uma superfície pode provocar, em todos nós, descobertas perceptivas e cognitivas, fundantes para a constituição do pensamento e do conhecimento” (Derdyk, 2014, p. 128). Desse modo, é preciso reconhecer essa potencialidade do desenho em nossas práticas pedagógicas.

O reconhecimento das potencialidades do desenho requer uma prática docente que permita a liberdade de criação para a criança, a fim de que os padrões e modelos não sejam impostos de forma a restringir a imaginação e os processos de livre criação. Cabe ao professor ser um incentivador das produções infantis.

Por meio do desenho, não raras vezes, as crianças buscam comunicar algo, elas expressam o que pensam. Todavia, como nos indica Staccioli (2014), quando há uma depreciação deste modo de pensar infantil, as crianças param de desenhar, como foi o caso do nosso aviador-criança.

No decorrer da obra, o aviador (já adulto) se encontra com o pequeno príncipe. Estaria ele diante de um devaneio? Seria aquele momento um sonhar acordado? Seria um encontro com a sua própria infância de outrora? O fato misterioso o leva a atender de pronto ao pedido da infância diante dele: o desenho de um carneiro.

O desenho inicialmente mostrado não é de um carneiro, mas ele apresenta aquilo que aprendeu a desenhar: uma jiboia com um elefante dentro. A surpresa que lhe advém é que aquela infância reconhece prontamente o seu desenho. Só uma criança seria capaz de compreender o desenho, pois se trata da mesma linguagem, a linguagem infantil.

O pequeno príncipe fazia milhares de perguntas, conforme nos contou o aviador. As indagações são constantes e é perceptível nele a observação, o pensamento, a admiração com as

coisas, características muito presentes nas crianças, nas infâncias que se espantam com o mundo em que vivem e buscam saber.

A infância se constitui como esse lugar da descoberta, da investigação (Cunha Junior, 2022). Esse reconhecimento é importante para que seja possível desenvolver práticas pedagógicas que coloquem a criança no centro do processo de forma a lhe permitir experiências e vivências que coadunem com o que lhe é próprio enquanto tal. É necessário permitir que a criança explore o mundo em descoberta.

O pequeno príncipe, ao sair de seu planeta, de seu mundo particular, coloca-se numa atitude de exploração, de descobertas e nesse processo entra em contato com o conhecimento sobre os mundos pelos quais passou. Em um desses mundos encontra o “homem dos números”, que só se preocupa com o superficial e esquece o que verdadeiramente importa. Assim são as pessoas grandes.

Há, nessa passagem, um contraste entre o adulto e a criança. Para a criança é possível imaginar, é possível sonhar acordado, enquanto que para os adultos que o príncipe encontra isso seria impossível, pois eles estão ocupados com suas “coisas sérias”, estão voltados demais para eles mesmos para que possam permitir-se algo tão infantil, visto de forma pejorativa.

A passagem seguinte aborda a situação acima mencionada, na qual o aviador se porta como pessoa grande. O príncipe faz constantes indagações, quer saber, quer conhecer sobre o mundo que o cerca, porém, o aviador está distraído com as coisas que precisa fazer e ignora o que a criança lhe indaga. Num determinado ponto o aviador ouviu do príncipe: “tu falas como as pessoas grandes!”. Para o aviador, ocupar-se consertando o avião seria mais importante do que atender ao que a criança lhe interrogava.

O aviador se detém sobre as “coisas sérias”, naquele momento. Porém, as coisas da criança não seriam sérias? Suas inquietações não seriam “coisas sérias”? A atitude descrita, neste momento da obra, remete-nos mais uma vez a pensar no cenário pedagógico. As crianças são levadas a sério por nossos educadores? Será que os nossos educadores têm se permitido considerar as crianças no processo pedagógico com suas inquietações? Ou será que tudo que se relaciona à criança ou às suas criações não passam de “besteira”, algo insignificante, o outro desprezado?

A perspectiva de infância que aqui defendemos aposta nesse novo entendimento do processo educativo, que considera a criança e trata suas coisas como “coisas sérias”, como coisas que importam. A voz das crianças importa. É necessário que não as silenciemos, mas que possamos demonstrar que é importante aquilo que elas realizam.

O pequeno príncipe nunca desistia de uma pergunta, uma vez que a tivesse feito. Essa sua obstinação nos traz à memória o quanto o pequeno Kiriku também era desejoso por saber, por conhecer os mistérios do mundo em que vivia. Há uma semelhança considerável entre eles nesse aspecto. Além disso, a admiração com as novidades que encontravam caracteriza as infâncias representadas por ambos.

A infância-movimento é perceptível nas duas imagens de infância vistas até aqui. No pequeno príncipe, há um constante movimento de chegada e partida, também de um não-saber para um saber, de encontros e desencontros. Ao longo de sua jornada, ele encontra diversos personagens, com os quais aprende diversas lições. Em um desses encontros, alguém diz que “pessoas sérias não têm tempo de sonhar, sonhar é para os preguiçosos”. É essa concepção que tira das crianças o seu direito de sonhar.

No planeta Terra, o príncipe conclui que os homens não possuem imaginação e repetem aquilo que é dito. No contexto educacional massificador, no qual todos precisam se enquadrar, seguir um modelo ou padrão, a imaginação não tem vez e a repetição, a cópia, é o imperativo a se seguir. Dessa forma, a liberdade de criação é restrita, o que pode acarretar adultos não-autônomos, dependentes e sem criticidade. Daí a importância de viver naquele estado permanente de infância.

As crianças entendem o desenho. O príncipe entende o desenho. As crianças utilizam-se da imaginação, assim como faz o príncipe diante do poço que “canta” ao ser “acordado” para lhes oferecer, ao avião e ao príncipe, a água que eles precisam para sobreviver no deserto. Nenhuma pessoa grande jamais entenderá a importância desse processo, caso não vivencie a infancialização.

É nesse processo de estado permanente de infância que será possível acolher as mensagens invisíveis que perpassam as imagens das crianças. Para que isso seja possível é necessária “uma aproximação delicada, aberta ao possível e ao incerto” (Staccioli, 2014, p. 100). Ou seja, é preciso uma abertura do educador para que seja possível ouvir as crianças. Por isso, “é preciso cautela, disponibilidade para a escuta, além de uma presença adulta que [...] não julgue” (Staccioli, 2014, p.104), mas que acolha verdadeiramente.

As duas infâncias aqui apresentadas trazem características muito semelhantes para que possamos pensar a infância e obter um entendimento sobre ela. Tais características iremos apontar mais adiante, após a abordagem sobre mais uma imagem de infância que nos interessa: a reflexão que Alice, de *Alice no país das maravilhas*, pode nos proporcionar.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

A obra *As aventuras de Alice no país das maravilhas* ou apenas *Alice no país das maravilhas* é a obra infantil mais conhecida de Lewis Carroll, um pseudônimo utilizado por Charles Lutwidge Dodgson, publicada em 04 de julho de 1865. A narrativa traz as aventuras de uma menina, Alice, no país das maravilhas, após seguir um coelho que seria o responsável por transportá-la para esse lugar fantástico.

O nosso interesse pela obra se dá justamente por nos possibilitar refletir sobre mais uma ideia de infância ali presente. A obra inicia com Alice sentindo calor, o que a deixava com sono e raciocínio lento. É nesse contexto que ela avista o coelho branco de olhos cor-de-rosa correndo. Esse início nos deixa pensativos sobre o estado em que estaria a criança quando avista o animal. Estaria

dormindo? Estaria acordada? Seria o início de um sonho?

A criança não se contenta em ver o coelho, mas se põe a persegui-lo. A descrição do autor afirma que Alice estava “ardendo em curiosidade”. A curiosidade é uma das características comuns da infância reforçadas tanto em *Kiriku* quanto no *Pequeno Príncipe*. A infância é curiosa, deseja saber. Essa curiosidade em relação ao mundo e à existência são conaturais à criança (Nigris, 2014). E a percebemos nas imagens de infância que exploramos em nosso trabalho.

A curiosidade de Alice a conduz à toca do coelho, na qual ela cai vertiginosamente. E é nessa queda que ela sente sono. O que nos leva a reflexão anterior se estaria ela dormindo ou acordada, mas como poderia estar acordada se sentiu sono? Ou será que sentiu sono dentro do sonho? A importância dessas questões tem sua razão de ser devido ao conceito de devaneio⁶, que é um dos conceitos centrais de nossa pesquisa de doutorado, da qual esse texto é parte.

O interessante é que o texto narra, mais adiante, que a menina ficou com muito sono e começou a sonhar. Sendo assim, estaria ela acordada e sentiu sono e a partir daí começou a sonhar? Ou, na verdade, toda a narração seria um sonhar acordado que a menina teve? O país das maravilhas é, sem dúvida, um mundo diferente, onde tudo “é muito curioso”, como expressa Alice. Seria, então, o país das maravilhas fruto do sonhar acordado de Alice, fruto de sua imaginação? Nesse sentido, Chiquini e Silva (2019, p.104) nos dizem que “pensando na infância, a criança cria seu mundo a partir da imaginação. Esse sonhar acordado remete à própria linguagem infantil [...] Tudo é possível quando se sonha [...]”. E tudo é possível no país das maravilhas.

O outro aspecto da infância que aparece em Alice e que é comum nas duas outras infâncias que aqui apresentamos é a capacidade inquisitiva ou o questionamento. Alice é questionadora, quer saber sobre tudo e o porquê de todas as coisas. Não diferentes são Kiriku e o Pequeno Príncipe, que estão sempre questionando sobre o mundo que os cerca. E são esses questionamentos que os põem em movimento.

Há nas infâncias aqui apresentadas um outro aspecto a ser considerado: a infância que provoca e que desconcerta os pretensos poderosos. Talvez se trate de uma infância que, por ser considerada não-saber, revela a ignorância de quem acha que sabe; que por ser considerada algo menor, revela a pequenez de quem se acha grande. Assim acontece com Alice diante da rainha e do rei. Por diversas vezes os tiranos se veem desconcertados por falas e ações da criança, o que fica muito evidente no “cortem-lhe a cabeça”. Não muito diferente, Kiriku desconcerta a feiticeira Karabá com seus questionamentos e ações. Assim também o Pequeno Príncipe desconcerta o rei-sozinho e tantos outros que ele visita e que faziam muita conta de si mesmos.

As três infâncias nos trazem três características principais para afirmarmos sobre a infância: a curiosidade, o questionamento e a provocação. Daí nos cabe questionar como podemos

⁶ Em nossa tese de doutorado, com o título: “O devaneio como abertura: experiências de pensamento na Educação Infantil”, trabalhamos com o conceito de devaneio com base na filosofia de Gaston Bachelard. O texto ora apresentado é um recorte dessa tese, mais especificamente do capítulo no qual nos propomos pensar a infância, outro conceito importante de nossa pesquisa.

potencializar essas características de forma educativa, dentro do processo educacional. Cabe ao educador, aproveitar essas possibilidades para o desenvolvimento da infância no ambiente escolar. O que é preciso é que se garanta experiências capazes de incentivar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo que as cerca.

A história de Alice termina com um retorno à questão inicial sobre o sonho. Após o episódio com as cartas voando em cima dela, após o julgamento, ela percebeu que estava nas margens do rio, com a cabeça deitada no colo da irmã. Nesse momento o narrador não diz que ela teria acordado, apenas sua irmã diz: “Acorde, Alice querida!”. E faz menção sobre ela ter dormido bastante. E a menina lhe conta que teve um sonho muito estranho. E narra para a irmã o sonho que teve. A irmã, por sua vez, após ficar sozinha, começa também a sonhar depois de imaginá-lo. Mas, estaria ela dormindo enquanto sonhava? O narrador nos diz que ela estava sentada naquele momento, de olhos fechados e que bastava abrir os olhos para voltar a realidade. Portanto, um sonhar consciente, um sonhar acordado ou um *devaneio*⁷

A imagem de infância em Alice nos orienta a valorizar a imaginação e seu poder criativo. Assim, o educador deve valorizar a capacidade de imaginação da criança, pois é por meio da imaginação que a criança pode ser livre no sentido mais amplo do termo (Chiquini; Silva, 2019). É preciso garantir às crianças o direito de sonhar.

A imaginação, e uma imaginação poética – ou imaginação fantástica –, segundo Mata (2014, p. 49), é “uma atividade psíquica fundamental do ser humano porque diz respeito às formas de perceber a vida e de recriá-la”. Alice recria o mundo de uma maneira totalmente nova, no qual tudo é muito curioso, por ser diferente do habitual e por instaurar a novidade. Desse modo também cada criança pode criar o seu país das maravilhas, desde que se respeite a sua capacidade de imaginar.

O incentivo à imaginação infantil, dá as crianças o direito de sonhar, é saber que “proporcionar devaneios às crianças, envolvê-las na linguagem poética, estimular suas fantasias, favorecer seus assombros e suas paixões, alenta o conhecimento e a compreensão da vida, amplia as alegrias e as esperanças da infância” (Mata, 2014, p. 70). Essas são algumas das contribuições que o sonhar acordado pode trazer para as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que as imagens de infâncias/crianças das narrativas aqui abordadas nos dizem é que elas são curiosas, criativas, espantam-se diante das novidades do mundo, produzem cultura e reproduzem elementos culturais do meio em que estão inseridas, criam novos mundos e dão sentido às coisas com as quais se relacionam.

⁷ O conceito de *devaneio* é trabalhado em nosso trabalho de tese, como já dissemos, ancorando-se na obra de Gaston Bachelard e sua concepção de devaneio, como um sonhar acordado, um sonhar consciente, o que o filósofo chama de sonho diurno para diferir do sonho noturno, isto é, aquele que temos quando estamos dormindo.

A partir de uma perspectiva educacional que vê as infâncias de forma afirmativa, acreditamos e defendemos uma educação e uma instituição educacional que apostem naquilo que é próprio das infâncias, de forma a potencializar aquilo que elas já trazem em si, isto é, essa curiosidade e capacidade de se espantar com as coisas do mundo.

É preciso, nesse sentido, apostar em uma educação que não seja apenas mera reprodução, repetição de algo já dado, mas sim, numa educação para a criação, a inovação, a produção de cultura a partir de saberes que são próprios às infâncias/crianças, ainda que esses saberes sejam diferentes daqueles pensados pelos adultos.

A nossa perspectiva educacional aponta para a defesa de uma educação integral da criança, em que ela seja vista em suas diferentes dimensões e possibilidades, sejam elas cognitivas, estéticas, pessoal, social, de forma a abarcar também a dimensão da sensibilidade, muitas vezes abandonada pelos processos educativos em nome de uma racionalidade que se coloca de forma hierarquizante, desprezando outras possibilidades de manifestação do ser criança.

A criança é este ser que se interroga sobre o mundo que a cerca, como vimos nas imagens de infâncias aqui apresentadas. Urge, então, garantir para elas que suas questões sejam levadas em consideração também no processo educativo, a fim de que possam se expressar a maneira própria delas, salvaguardando o direito de ser criança e o direito de sonhar com outras possibilidades de ser e existir.

Referências

BENETTI, Cláudia Cisiane. “Ensinar a pensar no contexto do ensino de Filosofia: um estudo com Gilles Deleuze”. In: SARDI, Sérgio Augusto; SOUZA, Draiton Gonzaga de; CARBONARA, Vanderlei. *Filosofia e Sociedade: perspectivas para o ensino de filosofia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007 (Col. Filosofia e ensino).

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. [trad. Thereza Christina Rocque da Motta]. Barueri, SP: Faro Editorial, 2020.

CHIQUEINI, Aline; SILVA, Luzia Batista de Oliveira. A infância poética em Gaston Bachelard e Lewis Carroll. *Cadernos Cajuína*, v.4, n. 3, p. 101-112, 2019.

CUNHA JUNIOR, Williams Nunes da. O pensamento sobre a infância e a infância do pensamento: o ensino de filosofia e a cultura científica na Educação Infantil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8, 2022, Maceió. *Anais*. Campina Grande: Realize, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/88844>.

DERDYK, Edith. “Papel em branco”. In: GOBBI, Maria Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (orgs.). *Infância e suas linguagens*. São Paulo: Cortez, 2014.

FRIEDMANN, Adriana. *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*. São Paulo: Panda Books, 2020.

KERLAN, Alain. “Criança filósofa? Criança artista? A modernidade de J. J. Rousseau: O Emílio e a “partilha do sensível””. In: MATOS, Junot Cornélio; COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Ensino de Filosofia: questões fundamentais*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014.

KIRIKU E A FEITICEIRA. Direção: Michel Ocelot. Produção de Didier Brunner. França: Gébeka Films, 1998. 1 DVD.

KOHAN, Walter O. *Infância: entre educação e filosofia*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MATA, Juan. "O direito das crianças de sonhar". In: GOBBI, Maria Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (orgs.), *Infância e suas linguagens*. São Paulo: Cortez, 2014.

NIGRIS, Elisabetta. "A "didática da maravilha": um novo paradigma epistemológico. In: GOBBI, Maria Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (orgs.), *Infância e suas linguagens*. São Paulo: Cortez, 2014.

NOGUERA, Renato. Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 31, p. 53-70, maio-out. 2019.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Trad. Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? *Civitas*, v. 14, n. 2, p. 272-284, maio-ago. 2014.

STACCIOLI, Gianfranco. "Os traços invisíveis nos desenhos das crianças". In: GOBBI, Maria Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (orgs.), *Infância e suas linguagens*. São Paulo: Cortez, 2014.

Recebido em 23 de janeiro de 2025

Aceto em 21 de fevereiro de 2025

Publicado em 30 de abril de 2025